



A BANANEIRA

Das varias especies em que se divide a familia das Musaceas, a *Bananeira* é a mais importante. Este vegetal não é uma arvore, como geralmente se julga na Europa, mas sim uma planta herbacea, vividoura unicamente pelas suas gomeleiras, e cujo tronco morre logo que dá o fruto. A sua vegetação offerece a maior analogia com a das Lilaceas. Uma vagem carnuda semelhante a uma cebola de planta, espalha raizes fibrosas pela parte inferior e folhas pela superior. Estas folhas, de dous a tres metros de comprimento e de um, pouco mais ou menos, de largura, succedem-se rapidamente, e os seus peciolos persistentes, que se envaginam uns nos outros, formam, em seccando, uma especie de tronco que attinge a altura de 3 a 5 metros. O fruto que d'elle sae é um dos mais uteis que se encontram nos tropicos. Duas especies sobretudo, a *Bananeira de fruta longa* ou *Bananeira do Paraiso* (*Musa paradisiaca*) e a

Figueira ou *Bananeira dos sabios* (*Musa sapientium*) fornecem aos habitantes dos paizes onde são cultivadas uma parte do seu habitual sustento. As frutas da *Bananeira do Paraiso*, chamadas *Bananas*, são um pouco arqueadas, têm o comprimento de 12 a 15 centimetros, e encontram-se algumas vezes em numero de cem e mais no mesmo cacho. Colhem-as um pouco antes de amadurecerem, e se bem que a sua carne molle seja de sabor mui doce e agradável, raras vezes as comem cruas; cozem-as no forno ou debaixo de cinza, o que, realmente, as torna um alimento muitissimo assucarado nutritivo e de facil digestão. A *Banana curta*, ou *Figo-Banana*, pelo contrario, come-se sempre crua. A carne d'esta é delicada, molle, fresca, excellente. As bananas verdes encerram muita fécula; maduras, disputam o lugar á Canna pela grande abundancia de assucar que contem.

Para conserval-as, cortam-as em talhadas delgadas e poem-as a seccar. Outros ralam-as, cosem-

as á maneira de mandioca, e convertem-as d'este modo em farinha, de que depois fazem papa.

As *Bananeiras* plantam-se, ordinariamente, em logares frescos e sombrios; os renovos são collocados dous ou tres metros distantes uns dos outros. Cada hectometro quadrado produz, termo medio, 2000 kilogrammas de bananas; o que fornece uma colheita mais consideravel em materia nutritiva que nenhuma outra planta cultivada. O frumento, em uma extensão igual, não dá mais que 15 kilogrammas de grão, e a batata produz em peso 43 vezes menos do que a bananeira. Entre as outras especies da mesma familia, citaremos ainda a *Bananeira da China* (*Musa sinensis*), que, talvez, não passe de uma variedade da *Musa sapientium*. Não excede dois metros de altura e produz nas nossas estufas um pequeno fruto, mas excellente. Em muitos paizes, os habitantes cobrem as casas com as grandes folhas da *Musa paradisiaca* e da *Musa sapientium*, e, tambem d'ellas se servem para fabricar cordas, tecidos, cestos e muitas outras obras d'arte.

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

Por NOGUEIRA DA SILVA.

I

A gravura em madeira nasceu entre nós com o *Panorama*, e foi seu primeiro cultor Bordalo Pinheiro, artista bem conhecido pelas suas obras de escultura e genio emprehendedor.

Não são de muito relevo para a apreciação absoluta os ensaios publicados n'aquelle jornal; porém, á luz da historia da nossa arte, sobresaem pelo grande merito da iniciativa, que é, em todas as cousas, a chave do progresso.

Sem mestre, nem livro da especialidade, porque não o havia então; tendo de adivinhar o systema e os meios praticos pelo que, apenas, a sua intelligencia podia ler na simples observação das gravuras estrangeiras, Bordalo fez mais do que seria rasoavel exigir. As suas tentativas, posto que extremamente longe das estampas do *Magasin Pittoresque*, sobre cujo molde se publicava o *Panorama*, não parecem os preludios de uma arte que, na presença de tão adversas circumstancias, póde-se dizer, apparecia entre nós, como se não existisse em parte alguma.

É que, á semelhança de Alberto Durer, Bordalo Pinheiro, voando nas azas do seu engenho, rompia por si só o veu que em Portugal occultava, nas trevas de uma completa ignorancia, os segredos do mais difficil genero de gravura.

Mas este triumpho, sufficiente para glorificar o nome de um homem n'um paiz em que se soubesse o que era arte, e quaes as suas influencias nos progressos physicos, moraes e religiosos das sociedades, não bastou ao artista, que pretendia alcançar as gravuras estrangeiras no avanço em que já iam então.

Vendo, pela experiencia, que do estudo de desenho especial dependia o aperfeiçoamento da gravura em madeira, resolveu entregar-se todo a essa particularidade, confiado nas boas disposições

que tinha descoberto em Baptista Coelho; a quem tomou por discipulo e em breve habilitou para substitui-lo e auxilia-lo no patriotico empenho.

Pena foi, porém, que este expediente, aliás productivo, não fertilisasse tanto quanto havia rasoavelmente a esperar.

Deixando-se atterrar na presumpção exagerada de certos obstaculos, o artista escolheu um genero que, pela sua extrema facilidade e detestavel monotonia, paralytava a acção variada, graciosa e, por vezes, inicial em que deve exercitar-se e amestrar-se o buril. Com o intento, mal fundado, de facilitar o ensino, desenhava tudo a traço paralelo, e o novo gravador, habituando-se a este trabalho mediocre e viciado, não poude dar á arte aquelle impulso que uma vocação regular, como a de Coelho, teria de certo imprimido, se o mestre, menos medroso e mais severo para com a commodidade do discipulo, o houvesse obrigado a encarar sem receio, nem susto, toda a cathegoria de difficuldades.

Depois, a estas circumstancias veio juntar-se a morte, hoje por duas vezes reconhecida apparente, do jornal. Bordalo Pinheiro achou inesperadamente um dia cortado o fio das suas esperanças, e olhava incredulo para o illustre finado, que, pela violencia e fatal brevidade da agonia, não tivera tempo para dotar a arte nacional, no valioso testamento que deixava, com titulo superior ás honras modestas de uma auspiciosa apresentação.

Todavia, se lhe naufragou o intento em tão copioso diluvio de fatalidades, ficou-lhe de pé a gloria immarcescivel de haver dado ao terreno, que o seu esforço patriotico amanhava, as dimensões precisas para, mais tarde, outros poderem levantar, em monumentos eloquentes, a realisação de suas aspirações.

(Continua.)

JOAQUIM JOSÉ DÓMINGUES LIMA

Reinando no interior da provincia da Bahia uma fome horrivel, á qual succumbiram centenares de pessoas, foi ainda o sr. Lima em auxilio dos infelizes habitantes d'aquelles remotos sertões, angariando-lhes uma subscrição, que produziu um conto e sessenta e cinco mil réis, acção pela qual foi merecidamente louvado pelo governo e imprensa do Brazil.

Como membro das commissões nomeadas pelo consulado portuguez para promoverem subscrições em favor dos habitantes de Cabo-Verde, tambem flagellados pela fome, e dos asylos da infancia desvalida, de Portugal, ninguem mais do que elle se esforçou para que a primeira produzisse dois contos e oito centos mil réis, e a segunda dois contos duzentos e noventa e tres mil quinhentos réis.

Egual esforço empregou para se levarem a effeito as magnificas exéquias, que no Maranhão se celebraram pelo eterno descanso da virtuosa Rainha, a sr. D. Maria 2.^a, e do chorado Rei, o sr. D. Pedro V, tambem como membro das commissões para esse fim nomeadas. E tendo um dos so-

cios fundadores da Sociedade portugueza de beneficencia, denominada — Humanitaria 1.º de dezembro — Sociedade, que se dedica exclusivamente os portuguezes a socorrer desvalidos, e que, n'este sentido, tem prestado grandes serviços, ninguem mais do que o sr. Lima se tem empenhado pelo seu engrandecimento e prosperidade.

Finalmente, são tão numerosos, como dissemos, os actos de philantropia praticados por aquelle generoso portuguez, que não podêmos, sem tomar grande espaço a esta interessante publicação, dar noticia de todos elles aos nossos leitores, pois ainda não ha muito, grassando no Maranhão, com terrivel intensidade, a epidemia das bexigas, uma carta, que d'alli temos á vista nos pinta o sr. Lima andando de casa em casa, ou antes de mansarda em mansarda, a prestar toda a casta de socorros aos infelizes atacados d'aquella terrivel molestia.

Sirva, porém, o que temos dito para dar idéa dos sentimentos humanitarios, e coração caritativo do nosso benemerito compatriota, e para que o seu nome seja sempre lembrado com respeito e veneração entre os d'aquelles, que mais se distinguem por accões generosas, verdadeira philantropia e caridade evangelica.

Nasceu o sr. Lima em Lisboa a 8 de agosto de 1814, sendo filho do negociante José Domingues Lima, e D. Joaquina Rosa do Livramento Lima, ambos já fallecidos.

Foi para o Maranhão em 1827, e alli tem exercido sempre a profissão de caixeiro, servindo como tal na casa do negociante inglez, Henrique Season, ha trinta annos.

Pouco ambicioso de adquirir bens da fortuna, vive modestamente do seu parco ordenado, que ainda frequentes vezes dizima em favor dos indigentes, pois é em soccorrel-os que consiste todo o seu prazer.

Paga tambem a educação e serve de pai a uma interessante menina abandonada, cuja historia romantica não cabe nos limites d'este pequeno artigo.

J. R. D'OLIVEIRA SANTOS.

EPISTOLA DEDICATÓRIA

de Gil-Vicente a D. João III

Os livros das obras que escriptas vi, Serenissimo Senhor, assi em metro, como em prosa, são tão florecidas de scientes materias, de graciosas invencões, de doces eloquencias e elegancias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque naceo e viye sem possuir nenhua destas, determinava leixar minhas miserrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não deixarão cousa boa por dizer, nem invencão linda por achar, nem graça por descobrir. Assi que para passar seguro da pena que minha ignorancia padecer não escusa, me fôra ferosa guarida não dizer se não o que elles disserão, ainda que eu ficasse como eco nos valles, que falla o que dizem sem saber o que diz. Porem querendo eu no presente

preambulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excellencias de V. A. como elles fazem aos senhores a quem suas obras endereção, que farei? sendo certo que, ainda que fosse em mi só a sua oratoria tão facunda como em todos elles e me fosse traspassado o espirito de David, não presumiria escrever de V. A. a minima parte de sua magnifica bondade, de sua noblissima condição, de sua discreta mansidade, do perfeito zelo da sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudencia, e finalmente do seu christianissimo firmamento. Outro si querendo navegar pela rôta do seu exordio d'elles, pedindo a V. A. favor e emparo para que minha enfermã escriptura não seja ferida das linguas damnosas; parece-me injusta oração pedir tão alto esteio para tão baixo edificio; quanto mais que, ainda que digno fôra de tão nobre emparo, tenho considerado que Christo filho de Deos sob emparo do poderio eternal do Padre, e todos seus bemaventurados Sanctos, não passarão por esta vida tão livres, que dos malditos detractores não fossem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua sancta doutrina por maxima ignorancia, sua manifesta bondade por falsa malicia, sua sanctissima graça por sorreticio engano, sua excelça abstinencia, por vil hypocrisia, sua celeste pobreza por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu? Livro meu, que esperas tu! Porem te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender que lhe digas: se meu mestre aqui estivera, tu calâras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem proposito de imprimir minhas obras, se V. A. mo não mandava, não por serem dignas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas d'ellas de devação e a serviço de Deos endereçadas, e não quiz que se perdessem como quer que cousa virtuosa, por pequena que seja não lhe fica por fazer. Por cujo serviço trabalhei á copillação d'ellas com muita pena de minha velhice e gloria de minha vóntade, que foisempre mais desejosa de servir a V. A. que cubiosa de outro nenhum descanso.

FABULA DE JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

O lapidario e o diamante

Um lapidario ignorante
Um diamante
Comprou;
Tenue cabelo lhe achou:
Mas no mais era excellente
Por grandeza, e por fulgor.

Para tirar-lhe o defeito
Com todo o geito
Limava;
Fundamente o lapidava,
E a grandeza cerceando,
Diminuiu-lhe o valor.

Oh! quantos, quantos, authores,
Emendadores
Eu vi,
Que riscando aqui, e alli,
Com vãs correções tiravam
As obras todo o vigor.

Considerai a multidão e a grandeza dos males que opprimem as creanças, e quão cheios de vaidade, de soffrimentos, de illusões, de sustos, são os primeiros annos da sua vida; depois quando adultos, e quando mesmo principiam a servir a Deos, tentam-os o erro para seduzil-os, o trabalho e a dôr para enfraquecel-os, a incontinencia para inflamar-os, a tristeza para abatel-os, o orgulho para eleva-los; e quem poderia representar, em poucas palavras, tantas penas diversas que pesam sobré os filhos de Adão? A evidencia d'estas miserias tem forçado os philosophos pagãos, que não sabiam, nem acreditavam no peccado do nosso primeiro pai, a dizer que nós não tinhamos nascido senão para soffrer os castigos que mereceramos por alguns crimes commettidos em uma outra vida, e que por isso as nossas almas haviam sido unidas a corpos corruptiveis, pelo mesmo genero de supplicio que os tyrannos da Toscana faziam soffrer aos entes vivos ligando-os a corpos mortos.

Esta opinião, porém, que as almas são juntas aos corpos em castigo das faltas precedentes de uma outra vida, é rejeitada pelo apostolo. Que se conclue, pois, senão que a causa d'estes males horri-veis seja, ou a injustiça, ou a impotencia de Deos, ou o castigo do primeiro peccado do homem? Mas, porque Deos não é nem injusto, nem impotente, outra coisa se conclue que não quereis reconhecer, mas que é necessario que a reconheçais; e vem a ser, que o jugo tão pesado que os filhos de Adão são obrigados a supportar desde que saem do ventre de sua mãe até que entram no seio da sua mãe commum, que é a terra, não o teria sido, se o não houvessem merecido pelo crime que tiram da sua origem. SANTO AGOSTINHO.

HOGARTH

Por PINHEIRO CHAGAS.

A caricatura, quando é um pamphleto desenhado tem um instante de voga, e morre com as paixões que lhe deram origem. Esse desabafo chistoso da veia satyrica de um pintor, quasi sempre provoca apenas o riso dos contemporaneos, e não tem o minimo interesse aos olhos da posteridade. Ha apezar d'isso um homem notavel, que só caricaturista foi, cujas gravuras hão de viver eternamente, admiradas, apreciadas por todos, e já deram ao seu auctor uma reputação que os seus trabalhos de pintura seria nunca lhe poderiam assegurar.

É porque a farça morre, mas a comedia fica; é porque o pamphleto desfolha-se ao vento das

paixões, que o inspiraram, mas a satyra, quando a traça mão de mestre, affronta impavida as vicissitudes do tempo. É porque o pamphleto verbera este, ou aquelle homem, cujo nome até muitas vezes se apaga da memoria das gerações, e a satyra dos mestres fustigando de relance a sua victima, assenta o latego no *homem* que tem sempre os mesmos ridiculos, os mesmos vicios, as mesmas paixões. O Tartuffio assentava o chicote nas costas de não sei já que prelado francez, mas ainda hoje zurze implacavel a numerosa familia dos hypocritas; a *Pena de Talião* verberava José Agostinho de Macedo, mas não ha um só verso d'essa admiravel satyra que não estale magnificamente no dorso da innumeravel prole litteraria do frade versejador.

As caricaturas do celebre pintor inglez, cujo retrato apresentamos hoje aos leitores do *Panorama*, possuem esse dom preciosissimo da satyra. A phylosophia galhofeira dessas bellas gravuras não é só applicavel ao seculo XVIII, e a serie que se intitula «*Casamento da moda*» é de circumstancia em todos os tempos. As diferentes series das gravuras de Hogarth, constituem como os albums de Gavarni (talento que é da mesma familia que o do caricaturista inglez) verdadeiros romances à Balzac, romances onde o phylosopho colhe uma opulenta messe de profundas observações sobre a natureza humana, e o historiador preciosissimos estudos de costumes do seculo XVIII.

E, note-se mais ainda, a fama de Hogarth é independente do aprimorado dos seus desenhos. Notam os conhecedores defeitos gravissimos na maneira do pintor e gravador inglez. O seu colorido é pessimo, os seus quadros são quasi sempre esbocetos, as suas gravuras não tem uma estremada correção, mas a idéa tudo domina e tudo desculpa; na idéa é que se revela o grande homem. Com dois traços rapidos e vehementes, Hogarth esboça uma scena. A sua veia maliciosa fez d'esses dois traços um poema satyrico, do poema satyrico um degrau para a immortalidade.

William Hogarth nasceu em Londres em 1698. Seu pai, revedor de, provas n'uma typographia, metteu-o como aprendiz em casa de um ourives. Mas esse demonio familiar, que se chama genio, desenrolava já diante dos olhos de Hogarth as suas miragens prestigiosas. Saio de casa do ourives com umas leves tinturas de desenho, de que se servio para viver muito a custo, e na maior miseria. Assim mesmo, entre os vendavaes da adversidade, o lapis ia traçando no papel os preludios d'essa comedia, que havia depois de fazer as delicias da velha Inglaterra. Uma caricatura, representando um pugilato de bebados chamou, para elle a attenção. O nosso Hogarth da penna, Nicolau Tolentino, tambem se não dedignou commemorar n'um dos seus mais chistosos sonetos uma scena semelhante.

A dona da casa, em que o pintor inglez morava, perseguia-o por causa de uma divida de uns vinte schellings. Hogarth creio que lhe não pagou os

vinte schillings, mas passou-lhe uma letra com o endosse para a posteridade. Essa letra era a caricatura da bisonha proprietaria.

Foi então que um livreiro o encarregou de lhe illus'rar o *Hudibras* de Butler. Esse trabalho de maior folego assegurou a sua reputação. Estava encontrada a mina; o obreiro foi incançavel. Todas as physionomias do seculo XVIII e todos os gra-



ves personagens da sisuda Inglaterra desfilaram em procissão, evocados pelo implacavel lapis do chistoso pintor, entre as gargalhadas do publico.

As seis gravuras da *Vida de uma devassa*, as oito da *Vida de um devasso*, a *Feira de Southwark*,

Uma palestra moderna á meia noite, o *Infeliz poeta* (de que n'este jornal se deu uma copia) e os *Comediantes na granja*, publicaram-se com muitas outras inferiores de 1733 a 1738. Em 1730 casara elle com a filha do pintor Thornhill con-

tra vontade do pae, que o tinha na conta de um valdevinos, mas que se reconciliou com elle mal que o vio rico. Muito bom genro foi Hogarth senão poz o querido sogro no primeiro plano de alguma das suas gravuras satyricas.

Hogarth era um bom rapaz, amavel, expansivo, franco, ingenuamente vaidoso, não fazendo muito caso do seu talento de caricaturista, e tendo a mania de se considerar o primeiro pintor historico do seu tempo. Desgraçado de quem ousava afirmar diante d'elle que Rubens ou Van Dick seriam dignos de mais alguma coisa do que de lhe moer as tintas. Um dia lembrou-se de provar o seu dito, fazendo um quadro que elle annunciou alto e bom som que devia desbancar outro de Correggio sobre o mesmo assumpto. Era uma *Sigismunda*.

Concluio-se e expoz-se o miserando quadro.

Não se póde imaginar o diluvio de motejos a que deu origem. Hogarth, furioso, voltou n'um impeto de colera á sua verdadeira inspiração, e fulminou os dois principaes motejadores, Churchill e Wilkes, com duas caricaturas, que, como dizem os Francezes, *mirent. les rieurs de son coté*.

Estava doente n'essa occasião, mas teve tanta satisfação em se vingar que de puro gosto recobrou a saúde. Elle mesmo quem o conta nas suas *Anecdotes of myself* livro citado por Thackeray no seu bello estudo sobre *The English humourists of the eighteenth century*.

«*The pleasure which I derived from these two engravings restored me to as much health as can be expected at my time of life.*»

Comtudo a sua saúde ficou sempre alterada até que morreu em 1764.

As suas gravuras mais notaveis além das que já mencionamos são: *O musico damnado*, *O casamento da moda*, *A industria e a ociosidade*, e as *Portas de Calais*.

Se não juntou um nome illustre aos tantos, que já figuravam em torno dos grandes mestres da arte italiana, flamenga, ou hespanhola, teve em compensação uma gloria maior, a de abrir uma pagina nova na historia das bellas artes, e de dar á sua patria um genero, que ella ainda hoje cultiva com successo, o da caricatura humoristica.

A GALATEA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

Et fugit ad salices

Alfredo de Bello a Antonio Alvares

Meu caro Antonio.—Estou em plena cidade-me-dia.

Se eu tivesse o talento descriptivo de Walter Scott e o lyrismo sentimental de Octave Feuillet poderia apresentar a teus olhos um quadro esplendido impregnado do suavissimo perfume das eras cavalheiras.

Bem sabes qual era o meu viver n'essa monotonica e aborrida Lisboa, cujo bulicio mais parece o rouquejar do febricitante do que o estridor do tra-

balho. Sabes que me contraia ahi em espasmos de tedio, farto de europeis enganosos, repleto de bailes faustos, aonde todos se cobrem com a mascara da opulencia, e pompeiam galas mentidas. Não nasci para esses esplendores, que me cegam e ofuscam. Os meus ouvidos melhor se dão com o murmurar queixoso dos regatos, com os quebros dos passarinhos, que saltitam nos recessos, com o rumorejar dos ramos.

De noite mais me apraz o scintillar da estrella por entre nuvens sombrias, do que o jorro perenne de gaz, cuja luz se refrange nos pingentes do lustre. Sou rico e não tenho ambições. Com pouco me contento, e pouco appeteco d'essas vaidades mundanas, *sombras phosphorecentes*, se me desculpas a expressão, atraz das quaes todos correm, como a Ophelia do grande poeta.

Não julgues que fallo sem conhecimento de causa. Demasiado conheço o mundo, apesar dos meus vinte e tres annos. Hoje enverga-se a toga viril aos dezoito annos; aos vinte somos scepticos e blasphemamos, aos vinte e cinco desejamos salvar a patria periclitante, depois alcançamos uma carta de conselho, que cimenta a excellencia em bases perduraveis, e a final, senão chegamos a ministro ou não somos barão sem baronia, vamos comer esses renditos proventosos, despojos opimos de vida trabalhosa, em suave e torpe aposentação, até que a morte nos arrebate da corrente do egoismo, para nos arrojara sepultura, deixando logar a outros, que seguirem o mesmo caminho.

Oh! Eu sinto profundo horror por este moderno sybaritismo, em que os próceres pela intelligencia se bandeiam para serem os parasitas do povo! Já não ha Tacitos que os verberem com o latego impiedoso e lhes imprimam nas faces hediondas o ferrete da infamia e ignominia.

Fujo d'elles como de um ruim fermento. Tenho medo que me contaminem. Sigam outros o exemplo d'elles; eu não, que nasci n'este seculo com uma alma dos velhos tempos. Sequestro-me do mundo, porque o mundo se corrompe. Volto-me para o passado, abraço a natureza e adoro o creador.

Ab! Reparo agora como eu ia divagando moralidades, parvoas parenesis deslocadas n'este seculo. Volto-me já ao principio d'esta carta.

Dizia-te que estou em plena idade media. Eu te conto. Convidado ha muito por um fidalgo da provincia, que foi amigo de meu pai, e é parente remoto da minha familia, fugi um dia de Lisboa, e vim abrigar-me aqui, n'esta aldeia ignota. A casa aonde habito, (quizera dizer tecto, que me abriga, mas os telhados alluidos não m'o permitem), é uma das velhas *honras* dos saudosos tempos de Egas Moniz, porque no lar dos velhos cavalheiros da cruz só a *honra* entrava e medrava. As paredes de granito, meio dorrocadas dobram sob o pezo dos annos. As janellas goticas, com umas vidraças toscas, lançam uma claridade dubia nos aposentos sobradados de velho e negro castanho.

A porta da entrada, com uns rendilhados grosseiros quasi inteiramente obliterados, sustentando a custo umas armas cheias de musgo, mal póde com

as costaneiras de carvalho, que giram em quícios emperrados.

A casa está no topo de uma alameda estreita longa e escura. Por noite de inverno, quando as folhas caem no chão e revolteiam impellidas pelo vento gelado, os cedros como que abrigam com as ramas sombrias os braços descarnados e nodosos dos castanheiros, ao tempo que cada cipreste meneando a coma esguia meio encuberta pelas outras arvores, parece o penacho de um ginete phantastico, que escarva no tumulto de valente guerreiro, e agita a cabeça em signal de dó.

Era noite cerrada quando cheguei ao solar do meu parente. Ouvia-se o mar ao longe a bater nas pedreiras, e a brisa nocturna açoitando o arvoredo, que projectava sombras immensas. Na atmosphera não havia uma nuvem; a lua brilhava limpida no grande tabernaculo do universo. Ia só. O meu cavallo resfolegava de medo quando uma sombra o cegava. De vez em quando batia com as patas nas pedras, soltas, que saltitavam pelo chão, e caíam nas folhas seguindo um serpear rumoroso.

Chegado ao fim da alameda, encontrei com o velho portão carcomido. Quizera ter ao lado a trombeta dos paladinos para soltar uma nota que echoasse na solidão. E como que via homens de armas e archeiros aprestando-se para o combate, e besteiros coroados as ameias. Um tronco, que jazia em terra, affigurava-se-me como uma catapulta e era tal a minha illusão, que cheguei a julgar-me um mensageiro de guerra, envolto na armadura, e sopesando a lança e a acha de armas.

Pouco durou o engano. Apeei-me, alcei tres vezes a aldrava, e logo depois abria um aldeão a porta.

Querer contar-te as minhas impressões ao entrar na sala principal fôra o cumulo do impossivel. O espectáculo era completamente novo para mim. Imagina uma sala vastissima toda forrada de pannos de arraz, já muito rotos. No fundo uma chaminé agigantada mettida na parede, quasi sem brazas. Assentados em duas cadeiras de espaldar antigas estavam pai e filha, unicos habitantes d'aquella casa.

Nos rostos de ambos pintava-se o tedio e aborrecimento: O pai tinha umas feições de cavalleiro antigo e respeitavel, denotando os seus sessenta annos. Os cabellos fartos e compridos iam enbranquecendo, os olhos grandes e azues reflectiam não sei que perpetua indecisão, uma certa tibieza, que se traduzia em todos os gestos. A barba, por uma contradicção singular, era completamente branca, e caindo-lhe pelo peito, dava-lhe uns ares de velho peregrino, cuja vida fôra cortada de maguas e dores.

O seu todo era emfim o retrato dos fidalgos provincianos, que, adoradores do passado, talvez porque não se sentiam com forças para seguir o seculo, agarraram-se, por instincto de conservação, ás tradicções da monarchia antiga. Assim o cephalopode cinge os innumerados braços ao rochedo do mar por não seguir a corrente, que o arrasta.

Vão acabando esses representantes de uma fé

moribunda, que se esvae a pouco e pouco impellida pelo bafejar potente das idéas modernas.

Deixemol-os em paz, na contemplação do passado, que não volta.

Tambem elles tiveram a sua aurora rodéada de esperanças; tambem elles souberam rejuvenescer as tradicções herdadas; tambem elles respiraram largamente no grande ambito da actividade humana.

Foram, a seu pezar, obreiros do progresso.

Querendo reconstruir o mundo velho sobre os alicerces movedicos da revolução; transformando-se em atalantes de um edificio instavel, caindo emfim sob o pezo da cupula, que haviam erguido a tanto custo e com tanta fé, mostraram na mesma queda aos povos absortos que as idéas não param, que a humanidade caminha, e que acima de tudo e de todos, constringendo os mais remissos está a lei do progresso, tão santa e divina como as tabuas do Sinai.

Respeitemos, pois, essas cariatides da realza, que passou. Reluz-lhe na frente a aureola da resignação. Se dobraram o collo ao homem é porque lhe deram os attributos da divindade sobre a terra.

Juncto do pai estava, como disse, a filha. A primeira vista cuidei ver uma estatua, tal era a frieza, a frieza o tom marmoreo do seu rosto. A sua belleza espanta e esmaga, por demasiado escultural. Debalde procurei o menor indicio de turbação depois da minha entrada. O coração d'aquella mulher tem a profundeza do pego dormente. A limpidez do seu olhar parece-se com a do espelho, que reflecte em sala escura e silenciosa os raios da lua. Quando a via alçar ligeiramente o corpo para me cortejar, julguei que o marmore, sem perder a sua frieza e correção, se transformara em carne. Meditei por um pouco na fabula de Pygmalião e recuei involuntariamente um passo.

E comtudo, ó meu caro amigo, que formosura peregrina. Seduz, mas não atrae; encanta mas afugenta.

Não sei como descrever-te este typo unico, que fizera desesperar o proprio Balzac. Se o analysamos como artistas encontramos todas as perfeições reunidas, sem uma só discrepância.

Phidias não creara obra mais completa. Vê-se que n'aquelle coração poderá haver vida, mas latente por ora. Não me perguntes mais. Sou naturalmente curioso, mas não posso encontrar a chave d'aquelle enygma esplendido. Esta mulher é indefinivel. Pertence apparentemente a todas as escolas, porque para todas seria modelo de perfeição physica.

Mas n'aquelle rosto tão bello ninguem procure os extasis voluptuosos das virgens de Murillo, nem o desprendimento, o desapego, esse como que fluctuar ethereo das madonas de Raphael. Nada procure, porque nada pôde encontrar. Esse rosto é por ora um modelo. É necessario que a paixão lhe vibre as cordas do sentimento para que as sombras se combinem com a luz, para que appareçam os caracteres proeminentes. Quem será o afortunado?...

Parecer-te-ha singular que logo depois da primeira entrevista eu possa ser tão explicito, dando assim opinião quasi segura. Ah! É que tu, ó meu caro amigo, nunca estudaste o problema vivo, que se chama—mulher—Por um presentimento, ou instinto, que não sei explicar, ha occasiões da vida, na idade das paixões romanescas, em que somos dotados de uma penetração admiravel. Então, e talvez porque o perigo se nos antolha inevitavel, decerram-se-nos as profundezas, illuminam-se, alargam-se, vemos tudo um momento, rapido como o faiscar do raio, e depois, quando caímos outra vez nas trévas, medimos já o abysmo aonde vamos precipitar-nos. Não creias que isto se possa applicar-me. Longe vá o agouro. As circumstancias, porém, do lugar, a minha imaginação fustigada por uma viagem longa, o trajecto nocturno por cerros e algares, as grandes sombras dos arvoredos, que se destacavam no firmamento illuminado pela lua, o profundo rumorejar da noite, todas estas impressões como que me atilavam o espirito, concentramdo-o e predispondo-o á analyse.

Mal entrei, fui recebido de braços abertos pelo cavalheiro, meu parente e amigo intimo de meu pai. A filha, que se chama D. Violante da Conceição, fez-me uma leve cortezia, e poz-se a contemplar o brazido com uma pertinacia incrível. Debalde contei todos os promenores da minha viagem; debalde mostrei o meu respeito pelo passado e pelos feitos dos nossos communs avoengos; debalde fallei com azedume da sociedade de Lisboa á qual prefiro o placido viver campestre. Foi tudo baldado.

Apenas consegui alguns sorrisos de approvação do fidalgo, e dois olhares distrahidos de D. Violante.

Comecei a desesperar-me. Como poderia despertar-lhe a attenção? Eu sou dos fatuos, que imaginam enredar logo ao principio as senhoras bonitas com as argucias de minha eloquencia. Não logrei o meu intento. As torrentes de poesia bucolica, que se desprendiam, em catadupas, resvalavam sobre a triplice couraça da minha ouvinte distraida. Passado pouco, e aproveitando uma pausa forçada, ergueu-se ella, desculpando-se com os deveres de dona de casa, que carecia de delinear a ceia. O velho fidalgo sorriu outra vez, e começou a contar-me as suas campanhas, como coronel de um regimento de voluntarios, que fez o cerco do Porto. A narcotina só acabou linda a ceia. Chegado ao meu quarto o meu primeiro cuidado foi escrever-te esta carta.

Crê-me, como sempre, teu verdadeiro amigo
—ALFREDO DE MELLO.

(Continua)

BEATRIZ

VIII

Como já disse, e agora inda repito,
Jacques era visita, e das mais intimas
Do conde, ... e da condessa; (era escusado
Dizer isto ao leitor, mas eu não gosto
De escuras narrações, prefiro sempre

Pôr tudo em boa luz, porque não quero
Ter de anotar, em dez ou doze tomos
Tres ou quatro de versos, quando muito!)
No tempo em que estas cousas succederam
O conde tinha já, se eu bem me lembro,
Alguns annos a mais do que convinha—
A quem era casado com tam linda
E tam gentil mulher; todos sabiam
Que ella era o typo angelico e divino
Da santa candidez, que a leve sombra
De um pensamento mau jámais viera
Toldar o puro ceu d'aquelle espirito;
Mas quem pôde livrar-se, lá um dia,
De ouvir a tentação, que passa e canta
Como as seréas de que falla Homero?

Não sei, mas acredito, (e peço venia
A formosa leitora que, decerto,
Não é do barro vil de que eu sou feito,
Mas do crystal de rocha mais subido),
Que a voz da tentação, não ha, não pôde
Deixar de se abalar quem tenha peito,
E coração, e vida, e sangue ardente.
Deos a affaste de nós, que é praga horrivel;
Pois se a deixa a vontade, em pouco tempo
Lá se vai todo o mundo á tona d'agua!

IX

Ó Lucrecia, ó virtude incomparavel
Da Roma, que já foi, Lucrecia antiga,
Como eu te vejo santa e luminosa
N'um turbilhão de nuvens! — tu devias
Ter um culto entre nós, e, sempre acesas,
Quatro vellas de cêra ou de stearina!
Eu já vi no sacrilego soneto
D'um Zappi rebelião, teu nome illustre
Atirado ao vaivem de uns versos toscos;
Mas vinguei-me depois, que o proprio vate
Expurgou-se de todo, memorando
A atroz expiação da leve culpa.
Por isso eu te idolatro, ó casta rolla,
Modelo conjugal, que preferiste
Rasgar os seios d'alma, (embora fosse
Apoz o crime vil), a terna vida
Cravado o acerbo espinho do remorso.
Isto não é sermão, caras leitoras;
Ninguem tem melhor fé, fé mais sincera
Do que eu tenho, na extrema pudicia
De alvas pombas do ninho meu paterno;
Mas não posso deixar de erguer meu canto,
E de saudar a esposa incorruptivel
Do pobre Collatino; oh, a virtude
É quanto ha bom no mundo; e se inda houvesse
Conventos no paiz, em cata d'ella
Iria já, sem mais, metter-me a frade!

E. A. VIDAL.

O ESPELHO MAGICO

Dizes-me tu que as estrellas
fogem á luz do arrebol,
e que ninguem pôde vel-as
quando já dardeja o sol.
Mas olha, estás enganada,
nem toda a estrella se occulta
mesmo depois da alvorada.

Se não — já que é dia agora —
vae, caminha, desce ao val,
e inclina essa fronte' loura
na corrente de crystal.
E o crystal que te revela?
olha bem: no azul das aguas
não vês sorrir uma estrella?

CANDIDO FIGUEIREDO.